



O cárcere e o pentecostalismo: a liberdade que ultrapassa as barras de ferro

Prison and Pentecostalism: The freedom that goes beyond the iron bars

Francisco de Assis Souza dos Santos²⁷⁵

Docente do PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: O problema da população carcerária no mundo e especialmente no Brasil, não se apresenta como algo de fácil solução. Os recursos utilizados para o combate ao crime e a ressocialização necessária dos apenado/as, para que retornem ao convívio social, colidem com os diferentes mecanismos burocráticos que, ao invés de trabalharem para que o apenado/a volte a esse convívio, denotam certa falta de planejamento para que esse objetivo seja alcançado de forma satisfatória. O que se percebe é que as igrejas, e em especial as pentecostais, se apresentam como forma viável no intuito de junto à população carcerária, oportunizarem, via pregação e prática do evangelho, uma nova chance de reintegração social do apenado/a, permitindo assim que a sociedade permita ao apenado/a o direito ao esquecimento de delitos passados, desde que este reconheça que somente uma vida nova e produtiva poderá ressignificar dias melhores para ele, sua família e toda a sociedade.

Palavras-Chave: Cárcere. Igreja Pentecostal. Ressocialização. Assistência religiosa.

Abstract: The problem of the prison population in the world, and especially in Brazil, is not an easy solution. The resources used to fight crime and the necessary resocialization of the victims, so that they return to social interaction, collide with the different bureaucratic mechanisms that, instead of working for the patient to return to this conviviality, denote a certain lack of planning so that achieved. What is perceived, however, is that the churches, and especially the Pentecostals, present themselves as a viable way in order for the prison population to opportunize, through preaching and practice of the gospel, a new chance for social reintegration of the grieving, allowing so that the society allows the grieving person the right to forget past crimes, as long as he recognizes that only a new life can re-signify better days for him, his family and the whole of society.

Keywords: Prison. Pentecostal Church. Re-socialization. Religious assistance.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo investigar o significativo papel da igreja pentecostal na recuperação e ressocialização de apenado/as que ainda se encontram

²⁷⁵ Doutor em Teologia pela PUC-Rio e Pós-Doutor pelo Methodist Theological School in Ohio (USA). Formação em Psicanálise, pela Escola Brasileira de Psicanálise, Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Unida de Vitória. Graduação em Letras - Português - Universidade Federal do Espírito Santo e Licenciatura em Filosofia - Centro Universitário ETEP. É docente do PPGCR-FUV.

cumprindo pena nas diferentes unidades prisionais espalhadas pelo Brasil. Se o apenado/a está legal ou ilegalmente detido como vítima de um sistema burocrático falido, que o estigmatiza para sempre, salvo rara exceções, aquele que cometeu qualquer tipo de delito, a solução que se apresenta de forma efetiva e comprometida é uma igreja que por intermédio da Assistência religiosa e Capelania tem apresentado índices de sucesso, se comparados aos modelos de ressocialização que o estado utiliza para esse fim. A Assistência religiosa ou Capelania prisional tem se mostrado eficiente no que lhe compete, devolvendo ao ser humano sua humanidade perdida em meio ao crime, a pena, o presídio e a sociedade. Quanto à metodologia desse artigo, utilizou-se fontes bibliográficas e a observação em presídio militar, fruto dos últimos quinze anos de Assistência religiosa vivenciada pelo autor do texto.

A atuação das igrejas pentecostais dentro dos presídios tem se mostrado, ao longo do tempo, como uma alternativa viável para que o preso não retorne ao mesmo caminho que o levou até ali, mas com a ajuda e direção de pastores, capelães e líderes religiosos, assim como leigos das variadas igrejas que se dispõem a esse serviço, os presidiários são redirecionados a uma perspectiva promotora de vida que possibilite o abandono do crime, ao se voltar para Deus, como fonte inesgotável de ensino, amor e direção.

É importante perceber que as igrejas pentecostais fizeram e fazem opção pela vida, tendo a capacidade de alcançar as camadas inferiores da sociedade. Nas palavras de Waldo Cesar e Richard Shaull os pentecostais “demonstram sua capacidade em alcançar e converter uma grande quantidade de pessoas entre os mais empobrecidos e arruinados”²⁷⁶. Esse desempenho em se envolver com os seguimentos economicamente mais simples da sociedade permite afirmar que a igreja pentecostal é imprescindível no trabalho de alcance aos condenados por crimes das mais diversas naturezas.

O artigo está dividido em seis tópicos assim divididos e tratados:

1 – A prisão como escola para criminalidade. Nesse tópico a reflexão recai sobre a falência do modelo prisional brasileiro. Aspectos relevantes são levados em consideração para essa análise.

2 - A prisão como oportunidade de autoconhecimento. A reflexão desse tópico se volta para momentos individuais do apenado/a e como esses momentos podem ser utilizados para seu autoconhecimento.

3 - Assistência religiosa: o preparo necessário. Aqui se apresenta o mínimo de preparo para que a Assistência religiosa alcance seu objetivo.

4 - Assistência religiosa no cárcere. Nesse tópico o que se apresenta é a dinâmica da Assistência religiosa no cárcere. Momentos significativos são abordados de forma direta e inspiradora.

5 - A celebração dentro do cárcere: momento de libertação. Privilegia-se nesse tópico o culto dentro do ambiente prisional.

6 - O pentecostalismo transformador. É observado nesse tópico a transformação dos pentecostais frente ao modelo de Assistência religiosa dentro de unidades prisionais. A nova perspectiva pentecostal para esse tipo de assistência.

²⁷⁶ CESAR, Waldo; Richard Shaull. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Vozes: Petrópolis, 1999, p. 265.

1 A prisão como escola para criminalidade

João Baptista Herkenhoff em sua obra *“Crime tratamento sem prisão”*, logo na introdução, faz a seguinte interpelação: “– É possível o tratamento do crime sem o uso da prisão?”²⁷⁷ Analisando imparcialmente os dados por ele apresentados e a situação carcerária brasileira, não fica difícil constatar que prisão não recupera ninguém. Segundo Herkenhoff, “no Brasil, a prisão tem sido uma universidade do crime e o ex-presidiário é um candidato potencial à reincidência”²⁷⁸. Pior é saber que “a prisão não recupera os que por ela são alcançados, mas, pelo contrário, é fator criminogênico”²⁷⁹.

Os suplícios a que eram expostos os condenados na idade média, não existem mais da mesma forma, porém, o que se vê é nada menos que o suplício psicológico e físico (não tão horripilante quantos aos que Foucault relata em seu livro *“Vigiar e Punir”*²⁸⁰, mas com o mesmo objetivo de tornar o detento uma espécie de manchete midiática, em que os expectadores se sentem justificados, enquanto o detento é vituperado.

A exposição pública do sentenciado ainda continua sendo matéria importante para o comércio da mídia jornalística contemporânea, como se com isso o índice de violência e delitos fossem minimizados. O que se observa na verdade é que a midiática da violência em nada tem contribuído para sua diminuição, pelo contrário, observa-se que aquela tem inspirado não poucos a usar o delito como ferramenta de justiça, desrespeitando a si mesmo, o próximo e a sociedade.

Frente ao exposto, à caótica situação em que se encontra o sistema carcerário brasileiro, há de se pensar uma alternativa que, embora não solucionando todo o problema, pelo menos ofereça alguma esperança para o preso e seus familiares. Para que isso aconteça o tratamento com o preso não deve escalonar o delito que tenha oportunizado a prisão, mas tentar fazer com que o preso entenda a importância da assistência religiosa que lhe é garantida por lei. Fazê-lo vislumbrar que apesar das desventuras existe uma chance de transformação a partir da fé. Oportunidade que fará com que o delituoso se torne parte integrante do próprio processo de ressocialização.

Se o sistema carcerário brasileiro se transformou numa “universidade do crime”, cabe aos que ainda acreditam na potencialidade para o bem que ainda existe no ser humano desenvolverem métodos que possibilitem o amadurecimento para a vida, e não a pedagogia que o sentencia a exclusão social permanente, seja qual for o motivo que o conduziu à marginalização. Marginal é aquele indivíduo que deve viver à margem da sociedade, por não ter conseguido, de alguma forma, respeitar as convenções sociais vigentes.

Transformar a prisão em uma escola que verdadeiramente ressocializasse o delituoso, deveria ser o objetivo de toda a sociedade, especialmente dos representantes dela, posto que isso minimizasse a reincidência de muitos que, sem vislumbrar um futuro promissor, tendem a repetir o mesmo erro, ou outro semelhante, retornando-o para o mesmo sistema falido de ressocialização. Entretanto, o que parece é que o adágio popular “bandido bom é bandido morto”, se tornou o fim a que se destina a prisão.

A universidade para o crime, na qual se tornou grande parte das unidades prisionais no Brasil, gradua seus alunos pela competência em se manterem vivos

²⁷⁷ HERKENHOFF, João Baptista. *Crime, tratamento sem prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 15.

²⁷⁸ HERKENHOFF, 1987, p. 29.

²⁷⁹ HERKENHOFF, 1987, p.70.

²⁸⁰ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 1-11.

mesmo frente à falta de oportunidade e novos horizontes. Quem cumpre pena naquelas unidades, nunca mais conseguirá ser o mesmo, salvo se, em meio a esse percurso, algo de sobrenatural aconteça e o apenado/a venha novamente a sonhar com uma vida além das barras de ferro.

2 A prisão como oportunidade de autoconhecimento

Não é necessário ser especialista em ciências psicológicas para perceber que indivíduos que se encontram em reclusão, seja por motivo de delito, seja por questões de saúde, no caso internação hospitalar, tendem a se voltar para si mesmos. Não existe momento melhor para que se faça uma autoavaliação e, conseqüentemente, se inteire de quem realmente se é, e daquilo que seja realmente relevante para a vida, do que aquele espaço de tempo quando o indivíduo se encontra restringido de agir livremente. Entender a liberdade não deveria ter como agente motivacional a prisão. A superação a que se deve chegar precisa ser obtida todos os dias e em todas as horas. Isso não se aplica só aqueles que se encontram nessa condição precária de cárcere, mas a todos da sociedade em geral.

Pensando dessa forma, não se quer negar que estar cumprindo pena, ou aguardando julgamento numa penitenciária seja uma experiência salutar, pelo contrário, várias psicopatologias são desenvolvidas ou agravadas dentro das unidades prisionais. Dentre as mais recorrentes, é possível citar as diferentes neuroses. Neurose entendida a partir da primeira tópica freudiana e depois revista sob o olhar da segunda tópica.²⁸¹

Contudo, nesse ambiente por vezes hostil é que o ser humano se depara com sua total falência e outro recurso não há além de buscar a superação, para que consiga cumprir sua pena ou período de reclusão visando experimentar dias melhores.

O aforismo “conhece-te a ti mesmo”, que aparece no templo de Apolo, em Delfos região central da Grécia há cerca de 2.500, citado por Pausanias, foi também utilizado por Platão, através do personagem Sócrates, evidenciando assim a necessidade que o ser humano tem de estabelecer seu autoconhecimento e seus limites; e frente a esse conhecimento, chegar ao conhecimento de Deus.

A reclusão deveria ter também a função de direcionar o delituoso para uma reflexão profunda sobre a atitude que o levara até ali, e conseqüentemente, ao se deparar com sua limitação física e disciplina rígida, optasse pela escolha de não se permitir retornar tanto ao cárcere quanto à vida de crime. Quem rapidamente consegue se perceber nessa condição poderá escolher qual caminho deseja para sua vida futura. Talvez uma única oportunidade lúcida para essa reflexão, possa mudar a vida do apenado/a.

²⁸¹ O modelo tópico designa um “modelo de lugares”, dos quais Freud descreveu dois: a Primeira Tópica, conhecida como Topográfica, e a Segunda Tópica, ou Estrutural. Na Primeira Tópica, inspirada pela análise dos sonhos e da histeria, Freud apresenta-nos os três sistemas que compõem o aparelho psíquico e a personalidade: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, estes aspectos são primordiais para que se entenda o princípio da teoria psicanalítica. A segunda tópica, que surgiu após 1920, é sistemática, estrutural. Freud apresenta uma visão tripartite da mente em três instâncias: o id, o ego e o superego. Esses três componentes é que fornecerão à teoria psicanalítica os recursos para que o aparelho psíquico apresentado por Freud continue sendo objeto de estudo nas mais variadas ciências ligadas à psique humana. Para estudo mais aprofundado sobre as estruturas neuróticas sugere-se a leitura da obra de BERGERET, J. et all. *Psicopatologia: teoria e clínica*. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 136-163.

Não será ilógico pensar que o silêncio do cárcere exerça influência na vida psíquica e conseqüentemente, na vida física do detento. Esse silêncio pode facilitar à introspecção que o conduza a tomada de posição positiva ou negativa. Positiva se ele optar, de alguma forma, em começar nova vida, tão logo consiga sua liberdade. Negativa se, movido por sentimentos de revolta e complexo de injustiça, queira, ao deixar o cárcere, fazer justiça com as próprias mãos. Isto não tem sido tão incomum assim, pois o índice de reincidência de ex-detentos continua sendo um desafio para os órgãos de segurança pública, serviço social e políticas públicas de atendimento a encarcerados.

A ineficiência do modelo correccional adotado no Brasil contribui para que o réu primário não se sinta motivado a viver de forma regenerada junto à sociedade, tão logo deixe a unidade prisional. O que se observa na verdade é que ele após viver um período de reclusão, encontrar-se despreparado para o retorno à vida social. É possível inferir que a justiça não consegue sozinha, com todo o seu aparato legal, promover a ressocialização do indivíduo que outra fora um apenado/a. Daí a importância da assistência religiosa, promovida por pessoas treinadas para tal.

Se o problema persistir, de nada terá adiantado os anos em que o apenado/a passou no silêncio do cárcere, não conseguindo entender a dinâmica restaurativa a que se pretendia a reclusão. Uma iniciativa interessante é a “Justiça Restaurativa”, que

baseia-se num procedimento de consenso, em que a vítima e o infrator, e, quando apropriado, outras pessoas ou membros da comunidade afetados pelo crime, como sujeitos centrais, participam coletiva e ativamente na construção de soluções para a cura das feridas, dos traumas e perdas causados pelo crime. Trata-se de um processo estritamente voluntário, relativamente informal, a ter lugar preferencialmente em espaços comunitários, sem o peso e o ritual solene da arquitetura do cenário judiciário, intervindo um ou mais mediadores ou facilitadores, e podendo ser utilizadas técnicas de mediação, conciliação e transação para se alcançar o resultado restaurativo, ou seja, um acordo objetivando suprir as necessidades individuais e coletivas das partes e se lograr a reintegração social da vítima e do infrator.²⁸²

É uma tentativa de fazer com que a prisão funcione como local de introspecção e mudança, visando o bem do apenado/a, de seus familiares e de toda a sociedade. Não se deve esquecer que além da expectativa correccional e educativa, o apenado/a necessita desenvolver seu autoconhecimento frente ao passado, o presente e o que ele projeta para o seu futuro e de seus queridos. É interessante também fazer com que ele ao cumprir sua pena, ele carrega consigo sua família queridos, que mesmo não estando presentes fisicamente, encontram-se constantemente em seus pensamentos e ele nos pensamentos deles.

²⁸² GOMES PINTO, R. Justiça Restaurativa é Possível no Brasil? In: SLAKMON, C.; DE VITTO, R.; GOMES PINTO, R. (org.). *Justiça Restaurativa*. Brasília: Ministério da Justiça e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, 2005, p. 20.

3 Assistência religiosa: o preparo necessário

Nem todos que se dispõem para o serviço de assistência religiosa estão preparados para encarar a dura realidade que encontrarão atrás das grades. Por isso é necessário que um treinamento, por mais simples que seja, tenha lugar nas diferentes instituições que atuam junto aos detentos, minimizando os possíveis impactos a que ficará exposto o fiel que decide atuar na área de assistência religiosa, seja prisional, hospitalar, empresarial, universitária, etc. No caso em questão a ênfase aqui adotada é assistência junto às instituições penais. É notória a ação das igrejas pentecostais junto aos diferentes tipos de estabelecimentos penais existentes no país. (Penitenciárias, Colônias Agrícolas, Industriais, e semelhantes, Cadeia pública e hospital de custódia).

O que se pode observar, relacionado a assistência religiosa por parte dos pentecostais, é que a ação social das diferentes instituições pentecostais passa por um momento de resignificação, em que não só os cultos, momentos de oração e adoração se apresentam como a única forma de servir a Deus. Questões de cunho diaconal prático, no caso a assistência religiosa em unidades prisionais, já se apresentam como uma realidade no universo pentecostal. Esta perspectiva é muito importante na ação efetiva dos pentecostais no universo social no qual estão inseridos, visto que o número de igrejas pentecostais é significativo no país.

Uma vez que o pentecostalismo era visto apenas como uma expressão religiosa que somente enfatizava os dons espirituais, curas e profecias, e não se importava tanto com outras questões materiais, o que se percebe atualmente é outra forma de ser pentecostal. Não negligenciando a importância dos dons espirituais para os diferentes ministérios, mas sabendo redimensioná-los numa ação prática que é observada na forma como os pentecostais estão se preparando intelectualmente para melhor atender a população, tanto de fiéis, como de futuros membros das diferentes igrejas pentecostais, a diferença se faz presente nos atendimentos prestados nas unidades prisionais. O desenvolvimento do intelecto do pentecostal é fator importante para que seu desempenho na assistência religiosa, especialmente prisional, alcance o objetivo desejado, que deve ser o de mostrar o caminho da esperança para os que se encontram sem direção.

Como parte desse universo, o treinamento de fiéis para a assistência religiosa envolve não apenas o estudo indispensável da Palavra de Deus, mas já se percebe que outros campos do saber estão sendo visitados pelos pentecostais, como forma de preparo para melhor desempenharem suas funções junto à imensa população carcerária existente no Brasil. Em 2017, segundo dados da revista *Isto é* (2017) o Brasil é o terceiro país com o maior número de encarcerados no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos e para a China. Por isso a ação social e assistência religiosa que venha de grupos pentecostais se tornam ainda mais importante.

Segundo Cláudia Neves da Silva, professora adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, ao abordar a ação social das igrejas pentecostais, admite que:

De modo geral, as igrejas pentecostais foram (e ainda são) marcadas pela prática de rituais e doutrinas próximas, apresentando um significativo fundamentalismo religioso, já que a Bíblia erra (e é) lida e interpretada como uma fonte de relação e profecia carregada de verdade divina impenetrável e inquestionável. Mas, além da leitura literal da Bíblia, da exortação a uma conduta ascética e da

ênfase nos dons cura e libertação, algumas denominações, a partir dos anos 1970 e 1980, passaram a desenvolver ações assistenciais, inicialmente entre os fiéis mais necessitados materialmente; a seguir, foram além da atenção aos membros de suas igrejas, expandindo para comunidade externa a atenção aos problemas sociais que se ampliaram com o crescimento das cidades.²⁸³

A fora as mudanças relacionadas ao desenvolvimento tecnológico e crescimento da intelectualidade nos diversos seguimentos da sociedade salienta Cláudia Silva, que “alguns pastores de igrejas pentecostais perceberam que era necessário desenvolver atividades que iam além da oração, possibilitando uma maior aceitação por parte da sociedade”²⁸⁴. Este tipo de atitude influencia diferentes áreas de atuação dos pentecostais, sem que estes percam sua identidade nem a ênfase dada à doutrina do Espírito Santo, dos dons, milagres e revelação.

Ainda segundo o que relata Silva, ao ouvir o depoimento de um pastor pentecostal, o entendimento de muitas igrejas pentecostais já considera a visão do ser humano como um todo e não apenas como alguém dividido entre espiritual e material²⁸⁵. Valoriza a doutrina, a oração os dons, as diferentes necessidades, mas empenha-se também por meio da assistência social, resgatar a população desprivilegiada, marginalizada, abandonada por políticos e, infelizmente, também por autoridades eclesiásticas. O avanço do treinamento de pentecostais para o desempenho de suas funções sociais não para por aí. Existe um investimento significativo por parte de não poucas igrejas pentecostais na formação intelectuais de seus líderes, que podem ser encontrados nas universidades, escolas e estabelecimentos de ensino teológico reconhecido pelos órgãos educacionais brasileiros. Não se esquecendo de que a teologia pentecostal continua a privilegiar a doutrina do batismo do Espírito Santo, dos dons etc. O fato de membros pentecostais estarem se preparando melhor para a missão social, não faz com que eles percam a característica pentecostal peculiar. Dessa forma o preparo para atuar nas diversas áreas sociais tende a melhorar, dando um salto de qualidade e bons resultados.

Com respeito à assistência religiosa, ao estar bem-preparado, o fiel não encontrará maiores problemas para fazer a separação entre o que lhe é ensinado intelectualmente e aquilo que ele aprende como doutrina da igreja. Ponto relevante no meio pentecostal é o ensino das doutrinas do Espírito Santo, dos sinais e milagres, que se tornam parte do cotidiano daquele. Afora outros benefícios advindos desse entendimento, quem será também beneficiado é o apenado/a, posto que receba atendimento de qualidade, repleto de conhecimento bíblico que o acompanharão para toda a vida e que poderão fazê-lo mudar de vida.

Outro aspecto muito importante do preparo do assistente religioso é saber trabalhar com as frustrações que advirão desse contato com os apenados/as. Nem todos que recebem a visita regular dos assistentes serão alcançados da forma que a igreja e o assistente desejam. O treinamento desses fiéis deve contemplar o nível de frustração possível num trabalho como esse. Alguns apenado/as, por motivos dos mais

²⁸³ SILVA, Cláudia Neves. Ação social das igrejas pentecostais: prática que vai além da oração. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paula (orgs.). *Cem anos de Pentecostes*: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte, 2010, p. 409.

²⁸⁴ SILVA, 2010, p.413-4141

²⁸⁵ SILVIA, 2010, p. 414.

diversos, tão logo recebam o alvará soltura e se encontrem em liberdade, retornam à vida do crime. O que causa espanto nesse caso é que por vezes o apenado/a era um “obreiro” dentro do presídio. Participante ativo, dedicado, contudo, algo de força maior o impediu de continuar no caminho do Senhor. Esse fato é motivo de entristecimento para toda a equipe de assistência religiosa.

O assistente bem-preparado saberá superar momentos como esse e fará dessa vivência, ferramenta para se qualificar ainda mais no atendimento. É importante que ele, o assistente religioso, saiba que aquele que transforma o coração do ser humano é Deus, na ação sobrenatural do Espírito Santo. O assistente é a ferramenta utilizada para que se abra caminho de restauração da vida que até então estava perdida, mas isso não é matemática exata.

A maturidade necessária é vista com bons olhos. Segundo Bernardo Campos, teólogo pentecostal peruano: “os pentecostais de hoje alcançaram um novo patamar de maturidade. Cada vez mais desejam se tornar sujeitos de sua própria história; e estão lançando sua sorte com as novas forças emergentes em nossas sociedades”²⁸⁶. As palavras de Bernardo Campos reforçam essa perspectiva.

O amadurecimento dos que prestam assistência religiosa se dá por este caminho também, e para isso, por melhor que seja o treinamento, somente a prática preparará o assistente religioso prisional para momentos como esses. Não se tem dúvida de que, apesar de todo esforço e sofrimento, os resultados continuam a ser satisfatórios.

4 Assistência religiosa no cárcere

A assistência religiosa é assegurada pela Constituição Federal brasileira por intermédio da lei Nº 9.982, de 14 de Julho de 2000.

Art. 1º - Aos religiosos de todas as confissões assegura-se o acesso aos hospitais da rede pública ou privada, bem como aos estabelecimentos prisionais civis ou militares, para dar atendimento religioso aos internados, desde que em comum acordo com estes, ou com seus familiares no caso de doentes que já não mais estejam no gozo de suas faculdades mentais.

Art. 2º - Os religiosos chamados a prestar assistência nas entidades definidas no art. 1º deverão, em suas atividades, acatar as determinações legais e normas internas de cada instituição hospitalar ou penal, a fim de não pôr em risco as condições do paciente ou a segurança do ambiente hospitalar ou prisional.²⁸⁷

Entende-se que a assistência religiosa é de suma importância para que o detento consiga vivenciar seu dia a dia com perspectiva de esperança para o futuro. Aquele que exerce esse tipo de assistência deve estar preparado para ouvir e falar, emitir sugestões e acatar reclamações, sem que se deixe envolver pelos problemas advindos do cárcere. O interesse deve ser o de transmitir ao detento palavras que possam minimizar o período de reclusão a que ele foi condenado. Desse modo fica menos trabalhoso entender como a assistência religiosa é de suma importância.

A relevância da assistência religiosa é perceptível em qualquer unidade prisional brasileira. O apenado/a, quando amparado por esse direito legal, sente-se acolhido e

²⁸⁶ CÉSAR, SHAULL, 1999, p. 265.

²⁸⁷ Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos.

compreendido nas mais diferentes questões. É nesse momento que ele, por vezes, consegue se sentir parte da sociedade, e a distância imposta pela peja de “marginal” parece cair no esquecimento durante uma celebração, ou conversa em particular. Não são muitos os que se dispõem a ouvir as diferentes histórias contadas por detentos e que além de serem tristes, revelam o universo mais sombrio a que chega o ser humano. Daí a necessidade daquele que presta esse serviço não se deixar envolver emocionalmente com o passado do detento. O que deve ser levado em conta é a possibilidade de uma vida nova e produtiva, a partir daquele momento.

Inconscientemente o apenado/a desenvolve, além de baixa estima, certa barreira que o impede de confiar naqueles que prestam assistência religiosa. Esse tipo de bloqueio é desfeito especialmente com a regularidade das visitas, cultos, aconselhamentos que são mantidos por aqueles que atuam nessa área. Confiança se conquista com o passar do tempo e com a transparência pela qual o assistente religioso se permite conhecer. Nos cultos os celebrantes expressam todo o seu cuidado pelos detentos por intermédio das músicas, das orações e especialmente através da pregação. Isso não deve transmitir a falsa ideia de que assuntos contundentes que envolvem delitos praticados, fiquem foram da reflexão conjunta. O bom assistente religioso sabe conduzir esse tipo de reflexão sem que o mal-estar se instale definitivamente, pelo contrário, é trazendo à consciência assuntos que num primeiro momento se mostram desagradáveis, que os apenados/as têm a chance de ressignificar algumas das experiências negativas vividas no seu passado sombrio. Não é o que fala, mas a forma como os assuntos são tratados é que faz a grande diferença.

5 A celebração dentro do cárcere: momento de libertação

Os cultos pentecostais são repletos de manifestações que expressão o envolvimento do fiel com Deus. Tais celebrações estão repletas de êxtase e momentos fervorosos em que o participante se sente na liberdade de extravasar suas emoções sem que alguém o julgue como se agisse fora de si. Sem dúvida as emoções são valorizadas durante um culto pentecostal. Os cânticos, as orações laudatórias, o gestual e a movimentação corporal estão intrinsecamente relacionadas com o culto. Durante esses momentos o participante é levado a sentir de maneira ímpar a presença do Espírito Santo.

O que se percebe em espaços públicos restritos, como durante uma celebração no cárcere, é que no viver pentecostal o participante se permite interagir com os outros e com o próprio meio no qual esteja inserido. Esta herança, por assim dizer, é fruto de comportamento e vivência que estão fora dos muros prisionais e que fazem parte da realidade cotidiana das igrejas pentecostais. O acolhimento pelo qual as pessoas são recebidas permite com que elas se sintam amadas e dignas de atenção. Este fator é muito importante durante qualquer tipo de celebração, mas especialmente dentro de unidades prisionais. Assim chama-nos a atenção Cláudia Silva ao dizer,

Portanto, ir a um local onde há a valorização das emoções, onde não há censura a quem expresse sentimentos como tristeza, dor, alegria, onde se é recebido por pessoas na porta da igreja com sorriso nos lábios, com um abraço ou aperto de mão e palavras acolhedoras, passou a ser uma possibilidade de encontrar respostas para

situações da dura realidade da vida, porque lá será o local onde se encontram homens e mulheres portadoras de *habitus similares*.²⁸⁸

Durante a celebração as diferenças são esquecidas, os problemas, embora lembrados e depositados no altar, já não se apresentam insolúveis, pelo contrário, o entendimento geral é de que o poder de Deus é suficiente para resolver as questões mais difíceis, assim creem os pentecostais. Importante destacar que ali não existe o diferente, pelo contrário “tudo isso permite que se reconheça um igual entre aqueles que vivenciam problemas, sentimentos e experiências semelhantes”²⁸⁹. Isso transforma o ambiente num local sagrado em que o próprio Deus se comunica com os fiéis, assim é crido pelos pentecostais.

Por mais estranho que possa parecer, mesmo nas igrejas que atuam no cárcere “sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda no fortalecimento para enfrentar as dificuldades e obstáculos do dia a dia”²⁹⁰. O culto é esse momento de acolhimento em que não existe o diferente, mas todos estão debaixo da graça salvadora de Deus, e compartilham da mesma necessidade de perdão, e chance de recomeço. É durante o momento de celebração que o participante tem a chance de ouvir palavras que o confortarão e o consolarão frente as mais variadas adversidades da vida.

O apenado/a ou apenada que participa dos cultos e outros momentos de celebração no cárcere, reconhece que no ambiente em que os trabalhos são realizados, embora fazendo parte da construção física do presídio, a igreja ali instaurada é lugar de encontro com Deus e com os outros que se encontram debaixo da mesma situação. Ali eles ou elas encontram motivo para continuar desejando a liberdade, não apenas física, mas acima de tudo das amarras do pecado que os aprisionava do lado de fora, mas que, por mais paradoxal que possa parecer, é no ambiente prisional, nas celebrações, que o momento de libertação interior se faz presente.

Esse encontro com Deus é suficientemente impactante para promover uma experiência individual e exclusiva, levando-os a desejar uma vivência íntima com Deus que dará novo sentido e significado à vida do interno, provocando mudança de vida significativa que não passa despercebida pela direção, funcionários e visitantes daquela unidade prisional. É lembrado também que o poder de Jesus Cristo e a fé nele são suficientes para que os problemas sejam resolvidos. Não existe a negação do problema ou delito que levou o indivíduo a estar naquele local, mas é considerado que Deus conhece os problemas de cada um e invocar o nome do Senhor é necessário para a salvação e solução deles.

As bênçãos de Deus estão preparadas para aqueles que o buscam com sinceridade de coração e para que isso aconteça o detento precisa abrir seu coração para Ele, permitindo com que a graça de Deus se faça presente no seu viver diário. Usufruir das bênçãos de Deus é permitir que o Espírito Santo controle sua vida, que deve dar testemunho de que realmente deseja uma mudança de vida, longe dos crimes que anteriormente cometera. Por isso a ênfase à ação do Espírito Santo nos cultos se torna muito importante. Através dessa ação sensível na vida do interno é que a situação ganhará novo entendimento e possibilidade de transformação. É o poder sobrenatural de Deus que liberta e não apenas a pregação humana.

²⁸⁸ SILVA, 2010, p. 415.

²⁸⁹ SILVA, 2010, p. 415.

²⁹⁰ SILVA, 2010, p. 145.

Outro momento importante durante as celebrações e cultos é aquele em que os participantes são despertados para a importância da oração. Tanto durante os cultos públicos quanto na vida privada, o interno é levado a perceber que sua vida devocional deve estar relacionada não apenas durante aquele momento, mas especialmente na vida particular em sua cela isolada. Isso tem grande repercussão na conduta do detento, que entendendo a dinâmica de buscar a Deus mesmo não estando no momento de culto se torna importante para sua saúde espiritual. A prática de oração coletiva e individual não deve ser perdida de vista e isso fica bem claro durante o culto. É normal que as reuniões tenham no seu início e no seu fim momentos acalorados de oração.

Não menos importante do que o louvor e a oração é a exposição da palavra de Deus por meio da pregação. O ponto alto de toda celebração é o momento em que será lido um trecho da Bíblia e apresentado em forma de sermão o que Deus deseja comunicar aos que ali se encontram. Durante esses momentos existe ampla participação dos ouvintes, com expressões como “aleluia”, “glória a Deus”, “ô glória”, “amém”, e outras manifestações de que se está entendendo e concordando com o que o pregador fala.

O nível de profundidade abordado pelo pregador leva em consideração o público ouvinte. Nas unidades prisionais a mensagem que mais se ouve está relacionada com a salvação. Embora essa perspectiva esteja mudando nas igrejas pentecostais. Não que elas não estejam pregando a salvação, mas existe um movimento que tem procurado ampliar o conceito de salvação, assim registrou Claudia Silva ao relatar o que um líder religioso pentecostal afirmou em entrevista feita por ela:

Você não pode visualizar o evangelho apenas na salvação da alma, enquanto o corpo está padecendo. A obra social da igreja é fundamental para cumprir integralmente o evangelho. O evangelho é libertação de todas as mazelas, de todas as garras, sofrimentos, prisões.²⁹¹

Como pode ser visto nesse pequeno trecho da pregação, a igreja pentecostal se volta para ação mais profunda da palavra de Deus, que envolve a salvação do ser humano integralmente, esteja ele onde estiver. É possível observar que a mensagem se alinha ao que é necessário dentro de um ambiente prisional. O pregador chama a atenção para questões sociais, sem deixar de lado outras questões que envolvem o emocional e o local, no caso as prisões, seja qual for a prisão que limita o apenado/a e o próprio ser humano.

Em momentos assim é possível observar como o efeito de palavras diretas e honestas têm a potencialidade de alcançar o coração mais amargurado que ali possa estar. Não é difícil presenciar verdadeiros milagres durante a pregação, quando detentos vêm às lágrimas ao sentirem o toque da presença de Deus via pregação. Se o momento de louvor não conseguiu, se as orações não foram suficientes para alcançar o coração do detendo, no instante em que se medita sobre a palavra de Deus parece que algo extraordinário acontece. Detentos atendem ao chamado de Deus e daquele momento em diante o comportamento começa a mudar.

²⁹¹ SILVA, 2010, p. 420.

A frequência aos cultos e momentos de oração consolida aquele encontro individual com Deus. É despertando no recém-convertido a necessidade de ler a Bíblia, de orar, louvar e estar em comunhão com os outros irmãos. Cada encontro é uma nova experiência de vida a ser compartilhada e amadurecida. Isto tudo em celebração dentro do cárcere. A transformação a que se submete o detento fortalece ainda mais a fé daqueles que já estão trilhando o caminho do Senhor. O testemunho de um detento, mesmo ainda cumprindo sua pena, é motivo de agradecimento a Deus e de esperança para os que podem participar dessa mudança radical de vida.

6 O pentecostalismo transformador

As igrejas pentecostais têm mudado de forma positiva sua relação com as causas sociais, como já se comentou acima. Não que isso não ocorresse antes, mas o envolvimento com as questões sociais tem se feito presente como agente transformador no pensamento pentecostal. O pastor de uma igreja pentecostal (entrevistado por Claudia Silva) afirmou que:

Atualmente nós estamos querendo entrar em outros meios de trabalho que venham a beneficiar as pessoas que estão sofrendo, drogados, desamparados de rua, epiléticos; amparar o desempregado, crianças desamparadas. Tudo na finalidade de granjear os recursos para gastarmos em obra social e atender as pessoas necessitadas.²⁹²

Esse pensamento muito tem a contribuir com a expansão do reino de Deus aqui na Terra. É tornar a ação salvífica de Deus materializada. E ainda de acordo com a palavra de outros pastores:

[...] aqueles que são atendidos devem acreditar na força do Espírito Santo e da fé para mudar de vida e encontrar o caminho da paz, da prosperidade e da saúde. Tal percepção também é encontrada para justificar o trabalho assistencial, pois este decorre da necessidade de atender as determinações de Deus, independentemente de filiação religiosa.²⁹³

Como foi visto, o pentecostalismo está cada vez mais atuante, especialmente nos centros penais em que poucos se sentem inclinados a esse tipo de assistencialismo. As igrejas pentecostais não têm se negado a prestar esse relevante papel humanitário de resgatar vidas que se encontram aprisionadas física e espiritualmente. Não se pode negar que o preparo de assistentes religioso se tornou significativo no meio pentecostal e isso tem feito grande diferença na Assistência religiosa no Brasil.

Conclusão

A liberdade que ultrapassa as barras de ferro de uma prisão encontra-se presente nos diferentes centros penais espalhados pelo Brasil, sendo promovida pelas diferentes igrejas pentecostais brasileiras. O que se pode observar é que o movimento pentecostal tem conseguido levar a palavra de Deus a lugares que antigamente não

²⁹² SILVA, 2010, p. 422.

²⁹³ SILVA, 2010, p. 422.

eram privilegiados com a Assistência Religiosa. As igrejas pentecostais têm a seu favor toda uma história de luta e resistência o que nos faz imaginar a semelhança existente com os convertidos que se encontram ainda detido nos cárceres brasileiros.

Aliando sua experiência de um século de existência no Brasil, os pentecostais estão revolucionando a maneira de evangelizar e resgatar vidas que ainda cumprem pena nos presídios brasileiros. A forma simples com que os pentecostais abordam e acolhem os menos favorecidos, por meio dos cultos, orações, visitas e diferentes ministrações, têm promovido a libertação de não poucos detentos. Libertação não apenas das barras de ferro de um cárcere, mas daquelas barras invisíveis do pecado, colocadas pelo inimigo de nossas almas. Barras de ferro que não resistem ao apelo amoroso de nosso Senhor Jesus Cristo de “vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados”.

As igrejas pentecostais conseguiram tornar verdadeiras as palavras registradas no Evangelho de João 8:36: “Se, pois, o Filho vos libertar, sereis, realmente, livres”. A liberdade pregada pelos pentecostais devolve ao detento a dignidade de se tornar filho de Deus e com isso desvelar um novo horizonte para eles e suas famílias. Por isso, e muito mais, é possível afirmar que também no cárcere o pentecostalismo promove a liberdade que ultrapassa as barras de ferro.

O que se pode observar ao longo de cada tópico desse artigo foi a prisão como um tipo de escola que perpetua a criminalidade, assim como um local que possibilita o autoconhecimento do apenado/a; a importância da assistência religiosa e o preparo daqueles que desenvolvem esse trabalho; como a assistência religiosa se faz na prática prisional, a partir de uma perspectiva pentecostal; a importância dos momentos de celebração, culto, cânticos e aconselhamentos junto aos apenado/as e por fim como o pentecostalismo se modificou para alcançar esse grupo específico que é a população carcerária brasileira.

Não se pode negar a relevância desse trabalho na vida de diferentes instituições penais brasileiras e tantos apenado/as que tiveram suas vidas ressocializadas graças ao trabalho e empenho dos assistentes religiosos pentecostais. Conscientes de que o trabalho não termina, mas que o bom preparo e dedicação podem suavizar a dor e sofrimentos de muitos, através de uma assistência religiosa sadia.

Referências

BERGERET, J. et al. *Psicopatologia: teoria e clínica*. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Vozes: Petrópolis, 1999.

HERKENHOFF, João Baptista. *Crime, tratamento sem prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMPOS, Bernardo. Na força do Espírito: pentecostalismo, teologia e ética social. In: GUTIERREZ, Benjamin; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). *Na força do Espírito*. São Paulo: Aipral, 1996.

ISTOÉ. Brasil. *População carcerária no Brasil já é a terceira maior do mundo*. 08 dez. 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/populacao-carceraria-no-brasil-ja-e-terceira-maior-do-mundo/>. Acesso em: 07 mar. 2019.



GOMES PINTO, R. Justiça Restaurativa é Possível no Brasil? In: SLAKMON, C.; DE VITTO, R.; GOMES PINTO, R. (org.). *Justiça Restaurativa*. Brasília: Ministério da Justiça e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, 2005.

SILVA, Cláudia Neves. Ação social das igrejas pentecostais: prática que vai além da oração. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paula (orgs.). *Cem anos de Pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.